

C. S. PEIRCE, DEUS E REALISMO: A INTERSECÇÃO NEGLIGENCIADA ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO (*)

ARTHUR F. STEWART

Resumo: Este artigo apresenta uma integração entre ciência, arte e religião, de acordo com as linhas sugeridas por Charles Sanders Peirce (1839-1914). Aqui, religião e arte, seguindo Peirce, são consideradas pressupostos das pesquisas científicas. A lógica destas pesquisas, não limitada apenas a investigações de laboratório mas, na verdade, universal em sua aplicação, é também conhecida como Pragmatismo. Este método de Pragmatismo, na forma elaborada por Peirce, constitui a única doutrina filosófica desenvolvida nos Estados Unidos. Durante a discussão desta integração interdisciplinar entre ciência, arte e religião, abordaremos o raciocínio abductivo, as categorias da realidade e experiência em Peirce, e a distinção entre argumento e argumentação. Figuras históricas importantes, incluindo os artistas Titian e John Constable, os cientistas Alexander Fleming e Johannes Kepler, e os filósofos Sir Karl Popper e o próprio Peirce, serão consideradas. O texto termina dando uma atenção especial ao artigo de Peirce "Neglected Argument for the Reality of God" (The Hibbert Journal: October 1908), especialmente em função de sua lógica pragmática, e de seu poder integrador refinado e sugestivo.

Elaborar a diferença entre a ciência e as humanidades tem sido uma moda há tempo, e se tornou um tédio. O método de resolução de problemas, o método da conjectura e refutação, é praticado por ambas. É praticado ao se reconstruir um texto danificado, assim como ao se formular uma teoria da radioatividade.¹

(*) Traduzido por Sônia Rodrigues e João Augusto Máttar Neto.

Arthur F. Stewart nascido a 29 de Novembro de 1952, é Doutor em filosofia e Diretor do *Center for Philosophical Studies* da Lamar University (USA), e o Editor Geral da série de monografias *Lamar Philosophical Studies* e do jornal *Southwest Philosophical Studies*. Autor e editor de diversos livros e artigos, seu *Elements of Knowledge: Pragmatism, Logic, and Inquiry*

...se tivéssemos que nomear os dois americanos nativos de gênio intelectual mais expressivo, penso que ambos seriam figuras do século XIX: Willard Gibbs e... C. S. Peirce.²

- I. Introdução
- II. Quem foi Chales Peirce, e quem se importa?
- III. A lógica da abdução
- IV. O argumento negligenciado
- V. Willard Quine & Harvard: deveríamos “passar”?

I. INTRODUÇÃO

O que eu quero tentar fazer, aqui, é introduzi-los, ou talvez reintroduzi-los, sob um ponto de vista diferente e privilegiado, ao que considero ser o argumento mais convincente sobre a realidade estética, não a existência, mas a realidade de Deus. Devo advertir que não se trata de um puro exercício acadêmico. Este argumento sobre a realidade estética de Deus é

(Vanderbilt Library of American Philosophy, 1997) foi descrito como “... capturando as complexidades e riquezas da mente humana em sua busca pela verdade.” Em 1997, o Dr. Stewart foi convidado, como palestrante, pela Academia de Ciência da Rússia (Moscou), além de se apresentar durante os encontros internacionais da *American Society for Aesthetics*, Divisão de Rocky Mountain (Santa Fé). Sua pesquisa, embora interdisciplinar, está centrada no pensamento e na obra de Charles Sanders Peirce (1839-1914), o cientista, filósofo e matemático ainda considerado por muitos o principal intelecto norte-americano. A tese de doutorado do Dr. Stewart foi orientada pelo Dr. Kenneth Ketner, da Texas Tech University (USA). O Dr. Stewart está no momento terminando a edição de duas coleções de ensaios sobre Peirce, escritos por 45 pesquisadores de várias partes do mundo, intitulados *Religious Dimensions of Peirce's Thought* e *Contemporary Essays on Charles Sanders Peirce*, além de continuar desenvolvendo seu amplo projeto de integração entre ciência, arte e religião, seguindo as linhas sugeridas por Peirce. O Dr. Stewart reside em Beaumont, Texas (USA), sendo Professor de Filosofia e Chefe do Programa de Filosofia na Lamar University. Tem um filho de cinco anos de idade, Marshall Graham Stewart. Sônia Rodrigues mestre em Filosofia pela PUC-SP e doutorando em Filosofia pela USP. João Máttar doutor em Letras pela USP e pós-doutorando em Literatura Comparada pela Stanford University – USA.

1. Sir Karl Popper, *On the Theory of the Objective Mind* (1968) in *Objective Knowledge: An Evolutionary Approach* (1972).
2. C. P. Snow, *Saturday Review*, 13 de Dezembro de 1975.

do eminente filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914). Esta concepção realista de Deus em Peirce fornece-nos a intersecção entre ciência e religião, ou, nas palavras do professor Ivo, a “matriz comum entre os universos mental e material”³. Como ocorre com qualquer intersecção, trajetórias divergentes podem guiar-nos em sua direção ou para longe dela, mas ela permanece uma intersecção, uma *comunalidade*⁴. E ela é na verdade uma intersecção negligenciada. Eu considero que Peirce esteja, neste sentido, correto não apenas academicamente, mas também (e eu sei que assumo um risco quando digo isto) pessoalmente correto. A concepção peirceana de Deus é uma concepção estética, e neste argumento ele delinea os passos de meditação para trazer aos nossos corações, assim como às nossas mentes, o apogeu estético da realidade: Deus. Assim sendo, vamos iniciar nossa investigação perguntando:

II. QUEM FOI CHARLES PEIRCE, E QUEM SE IMPORTA?

Charles Sanders Peirce atingiu uma admirável, poderosa e refinada reconhecimento, através da estética, da relação peculiar (a intersecção) entre religião e ciência, relação em que a religião é um pressuposto da ciência⁵. Se você fosse apenas leve ou moderadamente familiarizado com Peirce, ele pareceria à primeira vista o mais improvável pensador para arriscar tal visão da religião e da ciência, já que a principal reputação de Peirce, superficialmente, reside nas áreas de ciência experimental, matemática e lógica topológica. Seu currículo teria de incluir, no mínimo, os seguintes dados:

Membro, National Academy of Sciences, 1877

Fellow, American Academy of Arts and Sciences, 1867

Membro, London Mathematical Society

Membro, New York Mathematical Society

A.B. (Bachelor of Arts), Harvard, 1859

A.M. (Master of Arts), Harvard 1862

M.S. (Master of Science), Lawrence Scientific School, Harvard, 1863

Assistente do Superintendente, U.S. Coast and Geodetic Survey,
1867-1891

Lecturer, Harvard, 1864-65, 1869-70

Lecturer, Johns Hopkins, 1880-1884

3. The *common matrix between mental and material universes*; ver Ibrí (1989).

4. *Communalidade*, denominador comum. [N. T.]

5. Ver TOP, Ketner and Percy 1995: 251-52.

Lecturer, Lowell Institute, 1866-1895⁶

Tal lista precisaria também incluir ao menos os seguintes fatos: Peirce publicou, individualmente ou com outros, mais de 1.200 trabalhos; contribuiu com 182 definições para o *Dicionário de Filosofia e Psicologia* de J. M. Baldwin; 6.000 (sim, seis mil) definições técnicas e científicas para o *Century Dictionary* de W. D. Whitney; quase 350 *reviews* para a revista *The Nation*⁷; criou o primeiro diagrama unifilar de que se tem notícia para computadores movidos por eletricidade⁸; e projetou um sistema de lógica gráfica, que está no momento sendo explorado por Correspondentes da Academia de Ciência Russa (e outros) como base para um novo tipo de sistema de busca em bancos de dados, utilizado no próprio banco de dados Academia, que é o maior até então organizado para informação científica e técnica. E Peirce deixou ainda cerca de 100.000 páginas escritas a mão no momento de sua morte, em 1914, morte que veio (numa amarga ironia, vocês concordarão) em meio a uma total e completa miséria. Charles Peirce portanto não pareceria, para uma pessoa comum, a espécie de figura associada com qualquer forma imaginável (muito menos penetrante) de *insight* sobre religião ou estética. Mesmo muitos dos *experts* no campo, em processo de inchamento, dos estudos peirceanos, tendem a ignorar a dimensão religiosa e o caráter estético do seu pensamento e sistema para explicar o funcionamento da realidade, os dois aspectos que, especificamente, eu passei a enxergar como os mais fundamentais para compreender o seu trabalho.

“O quê?”, você diz hipoteticamente para si mesmo, “esta mente matemático/científica extremamente poderosa, Peirce, opera a partir de uma base religiosa e estética?!? Impossível!!”. Mas, sem rodeios, posso lhes dizer que é exatamente isto o que ele fez. E, dada a divisão entre a ciência e todo o restante, em nossa cultura e particularmente em nossas Universidades (a mesma divisão que Sir Karl Popper, o mais eminente filósofo da ciência, censurou acima), talvez não seja surpreendente que nós não esperaríamos encontrar um cientista de nível internacional, matemático e lógico como Peirce, discursando sincera e efetivamente sobre tópicos religiosos e estéticos, muito menos tratando religião e estética, em seu sistema de pensamento, como axiomáticas.

6. RLT: 103.

7. Ver Ketner and Cook 1975-1987.

8. Ver Ketner and Stewart 1986; Stewart 1987.

Mas discursar efetivamente ele o fez; deixem-me dar um exemplo deste discurso. Trata-se de uma carta que Peirce escreveu para seu amigo (amigo, entretanto, algumas vezes ambíguo) William James, chamado às vezes de pai da psicologia americana. A carta foi escrita em 13 de Março de 1897, quando Peirce tinha cinqüenta e seis anos de idade, portanto dezesseis anos antes de sua morte e seis anos depois de ter perdido sua elevada posição na U. S. Coast and Geodetic Survey, seu último emprego permanente. Então, aqui, um dos "... dois americanos nativos de gênio intelectual mais expressivo", nomeados por C. P. Snow, está com meia-idade, absolutamente arruinado financeiramente, tentando fazer algo por sua segunda esposa gravemente doente, e sabendo que sua série de oito artigos, potencialmente decisivos, estão para ser aceitos para a série das *Cambridge Conferences Lectures*, que ocorrerão no ano seguinte, com a costumeira e a habilmente camuflada ajuda de William James. Peirce, em meio a todo este tormento e arrebatamento, escreve bem tranqüilamente a James:

Aprendi muito sobre filosofia nos últimos anos, porque eles têm sido anos muito miseráveis e fracassados, muitíssimo além de qualquer coisa que o homem de experiência comum possa, possivelmente, compreender ou conceber. Assim, dispus de bastante ociosidade & tempo que não puderam ser empregados nas obrigações da vida comum, privado de livros, de laboratório, tudo: e, assim, nada havia que me impedisse de elaborar meus pensamentos. Além disso, um novo mundo do qual não sei nada (e do qual não consigo me convencer de que ninguém que sobre ele tenha escrito, tenha-o realmente compreendido muito) tem se desvelado para mim: o mundo da miséria. É absurdo dizer que Hugo, que sobre ele escreveu com menos ingenuidade do que os outros, na verdade não sabia nada sobre ele. Eu gostaria de escrever uma fisiologia deste mundo. Quantos dias Hugo alguma vez passou sem um pedaço de comida ou sem qualquer idéia de onde a comida estava vindo, meu caso neste momento por praticamente três dias, e mesmo assim esta é a mais insignificante das experiências que caracterizam a miséria? Aprendi muito sobre a vida e sobre o mundo, lançando fortes luzes sobre a filosofia durante esses anos. Sem dúvida, a tendência daí derivada é a de valorizarmos mais o espiritual, mas não uma espiritualidade abstrata.... Por outro lado, esta experiência aumenta o senso de reverência através do qual consideramos Gautama Booda.⁹

9. TOP: 225.

Uma confissão e tanto, vocês concordarão. Não soa exatamente como a imagem popular ou comum de um cientista, não é? A imagem popular e infeliz do cientista, eu devo acrescentar. Pois eis o que Peirce, o monumental interdisciplinar, pensava ser a ciência (generalizada por ele como pragmatismo americano clássico), introduzindo-nos durante o processo a uma nova figura de importância na história do pragmatismo, o médico Thomas Beddoes:

O método do pragmatismo é simplesmente o método experimental, o qual (tomando a palavra "experimento" em seu sentido mais amplo, de forma a torná-la aplicável a casos em que o resultado das condições tem de ser esperado em lugar de ser produzido artificialmente) é o procedimento invariável de toda ciência bem sucedida. Thomas Beddoes mostrou, já em 1792, que é o procedimento da própria matemática.¹⁰

Portanto, Peirce via a ciência como um método; o método de conjectura e refutação, na linguagem de Popper; o método de identificar problemas, adivinhar soluções e testar rigorosamente nossas previsões contra nossos problemas, na minha. Esse método para a aquisição e o desenvolvimento de conhecimento humano pode ser demonstrado como universalmente aplicável a todo conhecimento humano, seja de qualquer tipo. E não se levem pela lista de realizações com as quais eu inicialmente apresentei Peirce: o método da ciência é um MÉTODO, não uma lista de realizações, ou bobagens, ou entalhes num cinto ou no cabo de alguma pistola egotista¹¹. Convencido disso, Peirce não relutava em enfrentar qualquer um que violasse a máxima fundamental "Não bloqueie o caminho da investigação"¹². Como um exemplo, considere por um momento sua relação com a Academia Francesa de Ciência no assunto do Pêndulo Repsold¹³. Peirce fez

10. Peirce 1907/MS 320: 29.

11. As duas metáforas apontam para uma coleção de símbolos que supostamente representariam realizações do colecionador, mas que no fundo não têm valor. Falsas autocongratulações. Marcas nos cintos representariam pseudo-realizações. No século XIX, nos Estados Unidos, matadores profissionais faziam marcas nos cabos de suas armas, para representar cada pessoa assassinada. [N. T.]

12. RLT: 178; Peirce 1818/MS 825.

13. ver Fisch 1986: 408, e os relatórios pertinentes do Superintendente da United States Coast Survey de 1875 e 1877, em Ketner and Stewart 1986.

reparos à Academia ao detectar deformações por flexão no suporte do dispositivo pendular, então standard e usado mundialmente para pesquisa gravimétrica, nomeado *Pêndulo Repsold*. As conseqüências inevitáveis da suposição de que o *Repsold* era invariavelmente preciso contradisseram a própria suposição, experimentalmente, no final. A mesma história no caso de Kepler buscando a descrição mais precisa da órbita do planeta Marte ao redor do sol: assumir uma órbita perfeitamente circular conduziu a resultados experimentais contraditórios.

III. A LÓGICA DA ABDUÇÃO

Mas vocês podem pensar que toda esta história científica sobre experimentos com pêndulo e Kepler está intoleravelmente distante de qualquer comentário possível de ser feito sobre Charles Sanders Peirce, religião e estética. Nem tanto. Todos eles, tal qual o Argumento Negligenciado para a Realidade de Deus (A. N.), que abordaremos logo mais, baseiam-se no tipo mais fundamental de raciocínio requerido para a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento humano, especialmente aquilo que Peirce chamou de abdução. A abdução é o movimento da descoberta, o movimento que nos mune com adivinhações frescas para as soluções de problemas. É o movimento que Alexander Fleming realizou ao descobrir a penicilina, o mesmo movimento que Titian exercitou em arte ao compor seu *Martírio de São Pedro*. É o mesmo movimento que todos vocês estão fazendo neste momento, ao tentarem entender o que, afinal de contas, eu estou falando.

Na abdução nós raciocinamos, mesmo que nebulosamente, em sentido inverso, do efeito para a causa. E foi assim que Peirce descobriu, adivinhou, arriscou a idéia de que aquelas estranhas conseqüências do pêndulo eram causadas pela flexão do suporte, quase imperceptivelmente, sempre que o pêndulo oscilante alcançava cada apogeu na sua trajetória curva. E ele estava certo! Agora, aqui está o ponto inevitável: sem abdução, sem descoberta e a coragem do criticismo para lidar com ela, não se pode fazer arte, nem ciência, nem arquitetura, nem poesia, nem filosofia, nem religião, nem biologia, nem traduzir alemão, nem ser pianista, nem mesmo atingir a Realidade de Deus, nem... bem, vocês podem rapidamente conjecturar, e corretamente, que a abdução, o movimento de descoberta, é um componente universal no conhecimento humano. Isto não é exagero. E, como veremos brevemente, para Peirce e para nós, ela é realmente tão fundamental para a religião e a estética quanto para a ciência. Eis uma ilustração de abdução, extraída de uma das seis partes da série *Popular Science Monthly* de Peirce, de 1877-1878, intitulada "Ilustrações da Lógica

da Ciência”¹⁴, que ajudará a elucidar exatamente o que é a abdução. Por favor, atentem para o exato momento em que, na sua imaginação, você adivinha a solução para o problema:

É sabido que todos os feijões do pacote X são brancos.

Estes feijões em minha mão são brancos.

De onde vieram estes feijões?

Suposição: Estes feijões vieram deste pacote!

(CP 2.623)

Fácil de resolver, penso eu.

O pragmatismo de Peirce, que em formas desenvolvidas torna-se uma genuína e verdadeira lógica universal de eventos para a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento humano, é a lógica da abdução, mais as ferramentas de teste e criticismo que eliminam suposições e hipóteses infrutíferas. Desta forma também funciona a evolução por seleção natural: chegará o dia para a sua suposição, intelectual ou genética, por bem ou por mal. Pensem novamente, por exemplo, na solução de Titian para seu problema de composição no seu Martírio de São Pedro, ou nas três versões experimentais do Vale de Dedham por Constable¹⁵. Ou, mais diretamente, considerem por um momento como vocês combinaram racionalidade e genética ao aprenderem a andar. O problema era simples, sem dúvida, mas agora considerem por quantas centenas (se não milhares) de hipóteses ou adivinhações fisiológicas vocês passaram durante o processo de aprender a andar, contínua e não-racionalmente (sem raciocínio evidente) descartando as que falharam, continuamente abduzindo novas para teste, descartando, adivinhando novamente; retendo pedaços e partes de diversas suposições que pareciam ao menos parcialmente bem sucedidas. E continua sendo verdade, mesmo até hoje, que quando você graciosamente se levanta de sua cadeira, distraído e sem preocupação, e vagueia pela sala, você está exercitando a lógica do pragmatismo (problema – hipótese – teste) uma vez mais!

14. *Illustrations of the Logic of Science.*

15. Ver Gombrich 1961: 36-37.

IV. O ARGUMENTO NEGLIGENCIADO

“Um Argumento Negligenciado para a Realidade de Deus”¹⁶ de Peirce apareceu no *Hibbert Journal* de Outubro de 1908¹⁷. Mesmo tendo menos de duas dúzias de páginas, este texto contém todo o sistema do pensamento de Peirce, condensado numa concha de pérola. Uma pérola religiosa e estética. E é no seu Argumento Negligenciado que Peirce, penso eu, nos mostra seus mapas rodoviários que levam às intersecções da ciência e da religião. No seu Argumento Negligenciado, Peirce descreve três categorias gerais da experiência e do conhecimento. A noção de que nós podemos exaustivamente descrever a realidade em termos de categorias, ou divisões coerentes de algum tipo, soará familiar a historiadores da filosofia. Peirce diz que a realidade expressa-se por três destas divisões. Em primeiro lugar (e ele os chama de “Primeiros”¹⁸) vêm aquelas partes da experiência que são imediatas. O médico Griffin Trotter, em sua *The Loyal Physician: Roycean Ethics and the Practice of Medicine*, publicado em 1997 pela *Vanderbilt Library of Philosophy Series*, fornece-nos uma ilustração baseada na experiência de pisar sobre um dos brinquedos do seu filho, no meio da noite:

Imagine que eu acordo às quatro horas da manhã para ir ao banheiro, e, enquanto atravesso o corredor escuro, sinto uma sensação ardente no meu pé esquerdo [ao pisar sobre o brinquedo!]. Esta sensação, no momento em que ocorre, é relativamente irrefletida: ocorre abruptamente e não foi antecipada, e é intensa, de forma a lançar outros aspectos do pensamento para além da periferia da consciência.¹⁹

Um exemplo do nosso primeiro dentre os “Três Universos da Experiência familiares a nós”, como Peirce os chamou, o problema do pé de Griffin, a sensação ardente ela mesma, também nos mostram o que Peirce quis dizer com “signo”. Esta dor de Griffin é um signo de algo, não é? Uma transação de algum tipo. Assim, um “signo” para Peirce é aquilo “... que tem seu Ser no seu poder de servir como intermediário entre seu Objeto

16. *A Neglected Argument for the Reality of God*.

17. Peirce 1908: 190 – 212.

18. *Firsts*.

19. Trotter 1997: 86-7; Trotter 1997: 86-7.

e uma Mente”²⁰. O Objeto de Griffin era o brinquedo de seu filho, a transação do Signo envolvida é aquela da dor ardente, e, bem, eu deixo para vocês imaginarem o que estava passando na Mente dele!

O segundo Universo da experiência entra em cena quando Griffin se dá conta de que o brinquedo do seu filho é o objeto de sua atenção, e não alguma forma de combustão sobre a qual ele pisou, o que, involuntariamente, no início ele pensou. Assim, se o nosso primeiro Universo é habitado pela imediação, nosso segundo Universo, nosso Universo de “Segundos”²¹, como Peirce os denomina, compreende reações a estas imediações. E elas são reações racionais, quer dizer, reações a um universo que é, sobretudo, evolucionário e racional (mas não determinista!). Leitores pós-modernos irão sem dúvida caçar da sugestão de que o universo, em sua totalidade, é de alguma forma racional. Então me deixem fazer algumas observações, que eu acredito demonstram com muita clareza a natureza metafisicamente ubíqua da racionalidade do universo. Nº 1): Nós, é claro, podemos ser tão irracionais face a um universo racional quanto quisermos, suponho. Se eu realmente acredito que posso, no final desta semana, embarcar no meu vôo de volta para o Texas e chegar a tempo e com sucesso, minha crença racional e nosso universo racional serão congruentes um com o outro. Isto, aliás, é o que Peirce quis dizer com a expressão “autocontrole”²². Entretanto, se de outro lado eu me convenço de que posso ir ao topo do Hotel Central Park aqui em São Paulo, bem lá no alto, e batendo meus braços com furor e lançando-me de cabeça do telhado, eu irei voar sem assistência de volta ao Texas, bem, nosso universo racional rapidamente me lembrará, a todos os espectadores, e também ao legista local, da irracionalidade da minha atitude. E, é claro, durante um tempo evolucionário suficiente, espécies genéticas representadas por tais tentativas de voar reduzir-se-ão rapidamente no campo biológico.

Isto implica que alguma forma de racionalidade é uma herança genética e uma vantagem evolucionária, um instinto nato que pode ser suplementado por vários instintos adquiridos, como minha habilidade instintiva adquirida para mergulhar, e com precisão exata, quando ex-esposas ou colegas

20. CP 6.455.

21. *Seconds*.

22. *Self-control*. CP 6.454.

contestadores ou estudantes irados jogam coisas contra mim. Eu não nasci com esta habilidade, nada mais do que um cachorro, que se agacha quando uma mão é levantada nasceu sabendo, para quem ou como se mover daquela forma específica: esta resposta instintiva foi adquirida. O que me leva a comentar nº 2) nossa habilidade instintiva, bem no momento da abdução informada (de onde estes feijões vieram, de cima?), para adivinhar com bem mais exatidão do que qualquer mera análise estatística pode possivelmente dar conta, leva inexoravelmente à conclusão, ou ao menos a uma hipótese sustentável, de que aquilo que nós continuamos a adivinhar, nomeadamente o universo todo, comporta-se de formas previsíveis, regulares, racionais e evolucionárias²³. E é esta racionalidade metafisicamente ubíqua, em toda a sua beleza estética, para a qual o A. N. de Peirce aponta, e que oferece a oportunidade para nossos sucessos em adivinhar. Apenas pensem em Kepler de novo por um momento: no número literalmente infinito de figuras geométricas fechadas que Kepler poderia ter empregado como explicações hipotéticas da órbita de Marte; ele na verdade fez menos de duas dúzias de movimentos, ou tentativas, ou abduções, a partir de um círculo matematicamente perfeito e através de uma série de seções cônicas, antes de descobrir a órbita de Marte...: e acertou com exatidão. E, como vocês já devem ter adivinhado por esta progressão, o terceiro Universo da experiência, o Universo dos "Terceiros"²⁴, é composto de legalidade. Não no sentido de um behaviorista limitado, mechanicalístico²⁵ ou auto-contraditório (imaginem!), mas no sentido de um tipo de regularidade como a das leis. A descrição de Karl Popper da regularidade, similar à das leis, nos movimentos de uma nuvem de mosquitos, é um exemplo deste tipo de legalidade²⁶.

Agora, com uma compreensão razoavelmente boa da abdução e dos três Universos da experiência, nós estamos prontos para fazer duas distinções finais, necessárias para examinar o coração do Argumento Negligenciado, o coração que é ao mesmo tempo metafisicamente admirável, para além de qualquer dos meus sonhos mais selvagens, e completamente prático para a condução da minha vida; o coração daquilo que é o cruzamento negligenciado entre a ciência e a religião. Uma distinção pode

23. ver Peirce MS 687, 1907: *Guessing*.

24. *Thirds*.

25. *Mechanicalistic*.

26. Ver Popper 1972: 208-210.

ser feita entre o que é um argumento e o que é uma argumentação; a outra, entre o que existe e o que é real. “Um Argumento”, Peirce nos diz, “é qualquer processo de pensamento tendendo razoavelmente a produzir uma crença definida”. Argumentações, de outro lado, são os interesses técnicos da lógica formal. Colocado de forma simples: argumentos convencem; argumentações provam. Argumentos, portanto, são veículos mais gerais de condução lógica.

Nossa segunda distinção envolve o reconhecimento de que há literalmente uma horda de objetos Reais no universo, em sua totalidade, como o amor, o ódio, a gravidade, a Lei de Boyle, a doença, ou a virtude dormitiva do ópio que, embora bem Reais e tendo impacto constante em nós e em todos os três Universos, não existem de forma tangível!! Eu não posso, eventualmente, entregar-lhes um pouco de amor, ou ódio, ou ciência, ou religião, ou qualquer um dos outros. Artefatos representando estes objetos, claro que sim. Mas nem amor, nem ódio, nem gravidade, nem esclarecimento, propriamente considerados, podem ser engarrafados e vendidos; eles são reais mas não existem no sentido de que eu sou capaz de entregar-lhes um pouco deles. Peirce aborda este ponto, dentre outros lugares, em suas *Harvard Lectures on Pragmatism* de 1903, em um ilustrativo e hilário uso da virtude dormitiva do ópio, que embora Real, não existe. Ele diz (e por favor assegurem-se de chegar por abdução a uma imagem mental, assim o humor surgirá): “Você não pode carregar uma pistola com virtude dormitiva e atirá-la em um pãozinho de café da manhã.”²⁷ A sua imagem mental desta descrição é Real, embora ela não exista, do ponto de vista tangível.

V. WILLARD QUINE & HARVARD: DEVERÍAMOS “PASSAR”²⁸?

Peirce está, portanto, construindo um Argumento sobre a Realidade de Deus exatamente nos sentidos de Argumento e Realidade aqui discutidos. Ele quer que encaremos e testemos a própria hipótese Real de uma racionalidade estética ubíqua, para explicar como a realidade é construída:

27. Turrisi 1997: 134.

28. Should we “pass” this one? A expressão em inglês tem um duplo sentido, principalmente o termo “one”: deixar de responder a uma questão (o que o texto abordará logo em seguida) ou ultra-passar (ignorar, desconsiderar) Willard Quine, e o movimento da filosofia analítica que ele representa. [N. T.]

a ciência pressupondo a religião. Não se trata de uma argumentação sobre a existência de Deus, como a simplória analogia de William Paley entre, de um lado, achar no mato ou outro lugar qualquer um relógio, uma peça para medir o tempo, e imaginar então um criador de relógio; e, de outro lado, encontrar alguma forma de ordem no universo como um todo, e então presumir um universo planejado com maestria, construído e incessantemente mantido por alguém chamado Deus. Nenhuma destas formas de argumentação funciona realmente muito bem, o que se pode observar, com facilidade, simplesmente ao se aplicar a lógica de Paley, em toda a sua decrepitude, a algo como a ordem e estrutura a ser encontrada no bacilo *anthrax*, no lugar de um relógio de bolso, e então imaginando um Designer onisciente... bem... e então? Lembrar do Argumento Negligenciado de Peirce é na verdade uma atividade do século XX; talvez tenha sido uma das várias e ubíquas versões, dos dias de hoje, de algo como a abordagem de Paley (não a de Peirce) que Willard Van Orman Quine, o mais antigo membro do departamento de filosofia da Universidade de Harvard, tinha em mente quando, como membro de uma distinta mesa-redonda durante o XX Congresso Mundial de Filosofia de 1998, em Boston, Massachusetts, quando ele e a mesa-redonda foram questionados: “O que nós aprendemos com a filosofia no século XX?” O repórter Jim Holt continuou, no *Wall Street Journal* de 21 de Agosto daquele ano, “Um por um eles se debateram com a pergunta. ‘Eu vou ter que passar’, disse Willard Van Orman Quine, o decano dos filósofos americanos. Segundo informações, outros na mesa-redonda levantaram objeções sem importância sobre o sentido das palavras ‘nós’ e ‘aprendemos’”²⁹. Isto, colegas, é o resultado de uma fixação com argumentações excessivamente técnicas e específicas, às custas de argumentos mais amplos e considerações estéticas conseqüentes, e revela a contradição interna pela qual uma boa parte da filosofia contemporânea está, ao meu ver, envenenada.

Aqui então está o coração do Argumento Negligenciado de Peirce, seus passos de meditação em direção ao *summum bonum*, em direção à intersecção negligenciada entre a ciência e a religião. Lembrem-se, esta não é uma questão de prova, mas um método para nos lembrar, de acordo com Peirce, do que todos nós, instintivamente, já sabemos!! Viz.:

1) dada nossa habilidade extremamente precisa para adivinhar, na abdução, e dada nossa habilidade para nos envolvermos naquele exercício

29. Holt 1998.

imaginativo bem mais amplo que Peirce denomina “Meditação,... uma certa ocupação agradável da mente que... é Puro Jogo”

2) se nós meditamos “... com a singularidade científica de coração” sobre as conexões entre qualquer um dos dois, ou entre todos os três, dos nossos Universos da experiência usando

3) a hipótese da Realidade de Deus como nossa hipótese explanatória sobre como a realidade está organizada, o Argumento Negligenciado “... a tempo florescerá.”

Pensem por um momento, como eu o faço, na beleza, como ela está presente em todos os três universos da experiência, e como ela os conecta, e vocês começarão a enxergar que seus sentimentos religiosos naturais estão impetuosa e irrefreavelmente atirando-se em direção à realidade de Deus. O movimento da meditação é claro: meditação abdutiva sobre a realidade estética de Deus – este é o âmago do Argumento Negligenciado – e sua lógica funciona com sucesso tanto na religião quanto na ciência.

Naturalmente, este método não é um exemplo do que eu chamo de “Religião de Máquina de Coca-Cola”³⁰, em que, se você introduz a quantidade correta de dinheiro e aperta os botões corretos, esclarecimento ou salvação caem para o fundo do dispensário. O que Peirce sugere é algo bem pessoal, deixem-me assegurar-lhes, apesar de completamente universal, que só pode ser percorrido através de um argumento, não de uma argumentação. Portanto, a Realidade de Deus é para Peirce axiomática, e, como com todos os outros axiomas, estritamente considerados, incluindo os matemáticos, podemos usá-lo para ilustrar e organizar indefinidamente longas cadeias de conhecimento em desenvolvimento, incluindo conhecimento espiritual, enquanto o próprio argumento permanece indemonstrável, no sentido de uma argumentação.

C. S. Pierce, pois, vê a Realidade de Deus como inatamente instintiva, inatamente axiomática. O Argumento Negligenciado fornece uma lógica hipotética ou forma de meditação que clareia os obstáculos tolos das argumentações, de maneira a enxergarmos efetivamente as questões e as conseqüências, próximas e distantes, deste instinto estético, tanto nos esforços religiosos quanto científicos. E você o verá, mas você precisa experimentar com ele, exatamente como Peirce o fez ao detectar o defeito

30. *Coke-Machine Religion.*

no suporte do Pêndulo Repsold, e exatamente como Kepler o fez ao determinar a órbita própria de Marte, exatamente como Titian e Constable o fizeram ao pintar, e exatamente como meu filho de cinco anos, Marshall, o fez ao aprender como andar. Procure pelo que Peirce denominou “homogeneidades de encadeamentos”³¹, ou continuidades, ou, novamente, o que o professor Ibri chama de a “matriz comum entre os universos mental e material”, nos (e entre os) três Universos da experiência. Existe, sem dúvida, um número infinito de tais conexões, mas, uma vez mais, eu mesmo tendo a continuar retornando aos encadeamentos em um universo racional em evolução, visto esteticamente. Então me deixem terminar com a consideração de Peirce sobre estética:

“... a questão da estética é: O que é qualidade que é, em sua presença imediata, *kalos* [o bem, o belo; o nobre]? A estética deve depender desta questão, assim como a lógica deve depender da ética. Estética, portanto... parece ser possivelmente a primeira propedêutica indispensável à lógica, e a lógica da estética parece ser uma parte distinta da ciência da lógica, que não deve ser omitida.”³²

Para finalizar, brevemente, Deus desvela-se como a forma extrema do *kalos*, o sublime, em outras palavras. E, finalmente, penso que a meditação abdutiva sobre esta concepção nos leva na verdade, a tempo, ao Argumento Negligenciado, o qual, conforme Peirce, “...a tempo florescerá.”

ABREVIACÕES

CP – Hartshorne, Weiss, and Burks, ed. 1931...1960
 TOP – Ketner and Percy, 1995
 RLT – Ketner and Putnam, 1992

31. “homogeneities of connectedness”.

32. CP 2.199.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FISCH, MAX HAROLD 1986. *Peirce, Semeiotic, and Pragmatism*. K.L. Ketner and C.J.W. Kloesel, eds. Bloomington: Indiana University Press.
- GOMBRICH, E. H. 1960 (Bollingen Paperback ed., 1969). *Art and Illusion: A Study in the Psychology of Pictorial Representation*. Princeton: Princeton University Press.
- HARTSHORNE, CHARLES, PAUL WEISS, and ARTHUR BURKS, eds. 1931...1960. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. 8 vols. in 4. Cambridge: Harvard University Press.
- HOLT, JIM. 1998. Quizzing the Philosophers. *The Wall Street Journal*, 21 Aug. 1998: W13.
- IBRI, IVO ASSAD. 1989. *Chance, Evolutionism and Fallibilism – Doctrines Required for the Conception of God in Peirce's Philosophy*. Given at the Charles Sanders Peirce Sesquicentennial International Congress, Harvard University. In: *Religious Dimensions of Peirce's Thought*. Stewart, Arthur (ed) - forthcoming.
- KETNER, KENNETH LAINE, and JAMES EDWARD COOK, eds. 1975-1987. *Charles Sanders Peirce: Contributions to The Nation*. Lubbock: Texas Tech University Press.
- Ketner, Kenneth Laine, and Walker Percy. 1995. *A Thief of Peirce: The Letters of Kenneth Laine Ketner and Walker Percy*. Patrick Samway, S. J., ed. Jackson: University Press of Mississippi.
- KETNER, KENNETH LAINE, and HILARY PUTNAM, eds. 1992. *Reasoning and the Logic of Things: The 1898 Cambridge Conferences Lectures of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press.
- KETNER, KENNETH LAINE, and ARTHUR STEWART, eds., 1986. *A Comprehensive Bibliography of the Published Works of Charles Sanders Peirce with A Bibliography of Secondary Studies*. Second edition, revised. Bowling Green: Philosophy Documentation Center.
- KETNER, KENNETH LAINE, and ARTHUR F. STEWART. 1984. The Early History of Computer Design: Charles Sanders Peirce and Marquand's Logical Machines. *The Princeton University Library Chronicle* 45: 188-244.
- MILLER, DAVID ed. 1985. *Popper Selections*. Princeton: Princeton University Press.
- PEIRCE, CHARLES SANDERS. 1854-1914. *Manuscript collection*. Lubbock/Texas Tech University: Institute for Studies in Pragmaticism.
- _____ 1900. Our Senses as Reasoning Machines. MS. 831.
- _____ 1907. Pragmatism. MSS. 318, 319, 320, 321.
- _____ 1907. Guessing. MS. 687.
- POPPER, SIR KARL 1959. *The Logic of Scientific Discovery*. New York: Harper & Row. Originally *Logik der Forschung* 1934. Springer.
- _____ 1972. *Objective Knowledge: An Evolutionary Approach*.

- Oxford: Oxford University Press.
- PUTNAM, HILARY 1981. *Reason, Truth, and History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STEWART, ARTHUR F. 1995. Peirce's Classifications and Abduction: Creation or Approval? Given at Forty-Sixth Annual Meetings of The New Mexico and West Texas Philosophical Society, El Paso, Texas, USA (April).
- forthcoming. *Religious Dimensions of Peirce's Thought*. Beaumont, Texas, USA: Center for Philosophical Studies (Lamar Philosophical Studies nº 4).
- 1997. *Elements of Knowledge: Pragmatism, Logic, and Inquiry*. Nashville and London: Vanderbilt University Press. Vanderbilt Library of American Philosophy Nº 9; Herman J. Saatkamp, Jr., Series Editor.
- TROTTER, GRIFFIN. 1997. *The Loyal Physician: Roycean Ethics and the Practice of Medicine*. Nashville and London: Vanderbilt University Press. Vanderbilt Library of American Philosophy Nº 11; Herman J. Saatkamp, Jr., Series Editor.
- TURRISI, PATRICIA ANN, ed. 1997. *Pragmatism as a Principle and Method of Right Thinking: The 1903 Harvard Lectures on Pragmatism by Charles Sanders Peirce*. Albany: State University of New York Press.